



A Santa Sé

RETIRO ESPIRITUAL PARA OS LÍDERES DO SUDÃO DO SUL

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO

Domus Sanctae Marthae

Quinta-feira, 11 de abril de

2019 [\[Multimídia\]](#)

Saudação inicial

1. Dirijo a minha saudação cordial a cada um de vós aqui presentes, ao Senhor Presidente da República, à Senhora e aos Senhores Vice-Presidentes da futura Presidência da República que, de acordo com o *Revitalised Agreement on the Resolution of Conflict in South Sudan*, assumirão altos cargos de responsabilidades nacionais no dia 12 de maio próximo. Saúdo fraternalmente os membros do Conselho das Igrejas do Sudão do Sul, que espiritualmente acompanham o caminho do rebanho que lhes foi confiado nas respetivas comunidades. Agradeço-vos a boa vontade e o coração aberto com que aceitastes o meu convite para participar neste Retiro no Vaticano. Gostaria de dirigir uma saudação especial ao Arcebispo de Canterbury, Sua Graça Justin Welby, idealizador desta iniciativa — é um irmão que vai sempre em frente na reconciliação — assim como ao ex-Moderador da Igreja presbiteriana da Escócia, Reverendo John Chalmers. Juntamente convosco louvo a Deus com o coração grato e exultante, porque nos tornou possível viver juntos estes dois dias de graça, na sua santa presença para invocar e receber a sua paz.

Desejo dirigir-me a todos vós com as palavras do Senhor ressuscitado: «A paz esteja convosco!» (Jo 20, 19). Esta saudação, encorajadora e ao mesmo tempo consoladora, Jesus dirigiu-a no Cenáculo aos seus discípulos, amedrontados e desanimados, aparecendo-lhes depois da sua Ressurreição. Para nós é importante como nunca recordar que precisamente “paz” foi a primeira palavra que a voz do Senhor pronunciou, o primeiro dom oferecido aos Apóstolos após a sua dolorosa paixão e depois de ter derrotado a morte. Também eu dirijo a mesma saudação a vós, que viestes de um contexto de grande tribulação para vós e para o vosso povo, um povo muito provado devido às consequências dos conflitos. Que tais palavras voltem a ressoar no Cenáculo desta Casa como aquelas do Mestre, de modo que todos e cada um possam receber força renovada para levar em frente o almejado progresso da vossa jovem Nação e, como o fogo do

Pentecostes para a comunidade nascente dos cristãos, se possa acender uma nova luz de esperança para todo o povo sul-sudanês. Portanto, é com tudo isto no meu coração que vos digo: «A paz esteja convosco!».

A paz foi o primeiro dom que o Senhor nos trouxe, a primeira tarefa que os chefes das Nações devem perseguir: ela é a condição fundamental para o respeito dos direitos de cada homem, assim como para o desenvolvimento integral de todo o povo. Jesus Cristo, que Deus Pai enviou ao mundo como Príncipe da Paz, ofereceu-nos o modelo a seguir. Passando através do sacrifício e da obediência, Ele concedeu a sua paz ao mundo. Por isso, já no momento do seu nascimento o coro de anjos entoou este cântico celeste: «*Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens do seu agrado*» (Lc 2, 14). Que alegria, se todos os membros do povo sul-sudanês pudessem elevar em uníssono o cântico que ressoa o angélico: «*Ó Deus, nós vos suplicamos e vos glorificamos pela vossa graça a favor do Sudão do Sul, Terra de grande abundância; conservai-nos unidos e em harmonia!*» (Primeira estrofe do Hino nacional do Sudão do Sul). E como eu gostaria que as vozes de toda a família humana pudessem associar-se a este coro celeste, para dar glória a Deus e promover a paz entre os homens!

Olhar de Deus

2. Estamos bem cientes de que a natureza desta nossa reunião é muito particular e num certo sentido única, porque aqui não se trata de um habitual e comum encontro bilateral ou diplomático entre o Papa e os Chefes de Estado, e nem sequer de uma iniciativa ecuménica entre os representantes das várias comunidades cristãs: com efeito, trata-se de um Retiro espiritual. Já a palavra “retiro” indica um afastamento voluntário de um ambiente ou de uma atividade para um lugar isolado. E o adjetivo “espiritual” sugere que este novo espaço de experiência se caracteriza pelo recolhimento interior, pela oração confiante, pela reflexão ponderada e pelos encontros reconciliantes, a fim de poder dar bons frutos para nós mesmos e, por conseguinte, para as comunidades às quais pertencemos.

A finalidade deste Retiro consiste em estar juntos diante de Deus e discernir a sua vontade; em meditar sobre a própria vida e sobre a missão comum que Ele nos confia; em estar conscientes da enorme corresponsabilidade em relação ao presente e ao futuro do povo sul-sudanês; em comprometer-se, fortalecidos e reconciliados, a favor da construção da vossa Nação. Amados irmãos e irmãs, não nos esqueçamos de que a nós, líderes políticos e religiosos, Deus confiou a tarefa de ser guias do seu povo: Ele confiou-nos muito, e exatamente por isso há de exigir de nós muito mais! Pedir-nos-á que prestemos contas do nosso serviço e da nossa administração, do nosso engajamento em benefício da paz e do bem realizado em prol dos membros das nossas comunidades, em particular pelos mais necessitados e marginalizados; por outras palavras, pedir-nos-á que prestemos contas da nossa vida, mas também da vida dos outros (cf. Lc 12, 48).

O gemido dos pobres que têm fome e sede de justiça obriga-nos em consciência e compromete-

nos no nosso serviço. Eles são pequeninos aos olhos do mundo, mas preciosos aos olhos de Deus. Quando uso a expressão “os olhos de Deus”, penso no olhar do Senhor Jesus. Cada Retiro espiritual, assim como o exame de consciência diário, deve fazer-nos sentir com todo o nosso ser, com toda a nossa história, com todas as nossas virtudes e também com todos os nossos vícios, que estamos diante do olhar do Senhor, o Único capaz de ver a verdade em nós e de nos conduzir plenamente a ela. A Palavra de Deus dá um bonito exemplo do modo como o encontro com o olhar de Jesus pode marcar os momentos mais importantes da vida de um seu discípulo. Trata-se dos *três olhares do Senhor sobre o Apóstolo Pedro*, que gostaria de recordar aqui.

O *primeiro olhar* de Jesus sobre Pedro foi quando o seu irmão André o tinha levado a Ele, indicando-lho como Messias: Jesus fixa o seu olhar em Simão, dizendo-lhe que doravante se chamará Pedro (cf. *Jo* 1, 41-42). Sucessivamente, anunciar-lhe-á que sobre aquela “pedra” edificará a sua Igreja, demonstrando-lhe assim que conta com ele para realizar o plano de salvação para o seu povo. Por conseguinte, o primeiro olhar é o da eleição, que suscitou o entusiasmo por uma missão especial.

O *segundo olhar* tem lugar na madrugada de Quinta-Feira Santa. Pedro negou o seu Senhor pela terceira vez. Ao ser levado à força pelos guardas, Jesus volta a fixar o olhar sobre ele, suscitando nele desta vez um doloroso mas saudável arrependimento. O Apóstolo fugiu e «chorou amargamente» (*Mt* 26, 75), por ter atraído a vocação, a confiança e a amizade do Mestre. Portanto, o segundo olhar de Jesus sensibilizou o coração de Pedro e provocou a sua conversão.

Por fim, depois da Ressurreição, na margem do lago de Tiberíades, Jesus fixou *novamente o seu olhar* em Pedro, pedindo-lhe por três vezes para declarar o seu amor e voltando a confiar-lhe a missão de pastor da sua grei, indicando-lhe também que esta sua missão teria culminado no sacrifício da vida (cf. *Jo* 21, 15-19).

Em certo sentido, podemos dizer que todos nós fomos chamados à vida de fé, fomos eleitos por Deus, mas também pelo povo, para o servir fielmente, neste serviço talvez tenhamos cometido erros, alguns mais pequeninos, outros maiores. No entanto, o Senhor Jesus perdoa sempre os erros de quem se arrepende, e renova sempre a sua confiança, pedindo-nos de forma particular a dedicação total à causa do seu povo.

Estimados irmãos e irmãs, Jesus fixa o seu olhar também neste momento, aqui e agora, sobre cada um de nós. É muito importante cruzá-lo com os nossos olhares interiores, interrogando-nos: qual é, hoje, o olhar de Jesus sobre mim? A que me chama? O que o Senhor me quer perdoar, e o que pede que eu mude na minha atitude? Qual é a minha missão e a tarefa que Deus me confia, para o bem do seu povo? Com efeito, o povo é seu, não nos pertence, aliás, nós mesmos somos membros do povo, mas temos uma responsabilidade e uma missão particular: servi-lo. Caros irmãos, tenhamos a certeza de que todos nós estamos sob o olhar de Jesus: Ele fita-nos com amor, pede-nos algo, perdoa-nos alguma coisa e confia-nos uma missão. Ele demonstra-nos

grande confiança, escolhendo-nos para ser seus colaboradores na construção de um mundo mais justo. Estejamos certos de que o seu olhar nos conhece profundamente, nos ama e nos transforma, nos reconcilia e nos une. O seu olhar benévolo e misericordioso encoraja-nos a renunciar à vereda que leva ao pecado e à morte, e sustenta-nos no prosseguimento do caminho da paz e do bem. Eis um exercício que nos faz bem e que se pode praticar sempre também em casa: pensar que o olhar de Jesus está sobre mim, sobre nós, e que será precisamente este olhar repleto de amor que nos receberá no último dia da nossa vida terrena.

E depois, o olhar do povo

3. O olhar de Deus fixa-se de modo particular em vós, e é um olhar que vos oferece a paz. No entanto, há também outro olhar que vos fita: o olhar do nosso povo, e trata-se de um olhar que exprime o desejo ardente de justiça, de reconciliação e de paz. Neste momento quero assegurar a minha proximidade espiritual a todos os vossos compatriotas, de maneira especial aos refugiados e aos enfermos, que permaneceram no país com grandes expectativas e com o fôlego suspenso, à espera do êxito deste dia histórico. Estou persuadido de que eles acompanharam este encontro com grande esperança e intensa oração nos seus corações. E assim como Noé esperou que a pomba lhe trouxesse o pequeno ramo de oliveira, para demonstrar o fim do dilúvio e o início de uma nova era de paz entre Deus e os homens (cf. *Gn 8, 11*), do mesmo modo o vosso povo aguarda o vosso retorno à Pátria, a reconciliação de todos os seus membros e uma renovada era de paz e prosperidade para todos.

Dirijo os meus pensamentos, antes de tudo, às pessoas que perderam os seus entes queridos e as suas casas, às famílias que se separaram e nunca mais voltaram a encontrar-se, a todas as crianças e aos idosos, às mulheres e aos homens que sofrem terrivelmente por causa dos conflitos e das violências que semearam morte, fome, dor e pranto. Ouvimos fortemente este clamor dos pobres e dos necessitados; ele penetra os céus até ao coração de Deus Pai, que lhes deseja fazer justiça e conceder a paz. Penso com frequência nestas almas sofredoras e imploro que o fogo da guerra se apague uma vez por todas, que elas possam voltar para os seus lares e viver em serenidade. Suplico a Deus Todo-Poderoso que a paz alcance a vossa terra, e dirijo-me também aos homens de boa vontade, a fim de que ao vosso povo seja concedida a paz.

Prezados irmãos e irmãs, a paz é possível. Nunca me cansarei de repetir que a paz é possível! Mas esta grandiosa dádiva de Deus é, ao mesmo tempo, também um forte engajamento dos homens responsáveis pelo povo. Nós, cristãos, acreditamos e sabemos que a paz é possível, porque Cristo ressuscitou e venceu o mal com o bem, garantindo aos seus discípulos a vitória da paz sobre os cúmplices da guerra, que são a soberba, a avareza, a ganância de poder, o interesse egoísta, a mentira e a hipocrisia (cf. *Homilia na vigília de oração pela paz no Sudão do Sul e na República Democrática do Congo*, 23 de novembro de 2017).

Desejo que todos nós saibamos aceitar a excelsa vocação de ser artesãos de paz, num espírito

de fraternidade e solidariedade com todos os membros do nosso povo, um espírito nobre, reto, firme e intrépido na busca da paz, através do diálogo, da negociação e do perdão. Portanto, exorto-vos a procurar aquilo que vos une, a partir da pertença ao mesmo povo, e a superar tudo o que vos divide. As pessoas já estão cansadas e exaustas devido às guerras passadas: por favor, recordai-vos que tudo se perde com a guerra! Hoje o vosso povo aspira a um porvir melhor, que passa através da reconciliação e da paz.

Em setembro passado, com grande confiança, tomei conhecimento que os mais altos representantes políticos do Sudão do Sul tinham estabelecido um acordo de paz. Por isso, hoje congratulo-me com os signatários daquele documento, quer convosco aqui presentes, quer com os ausentes, sem excluir ninguém; em primeiro lugar com o Presidente da República e com os chefes dos partidos políticos, pela escolha do caminho do diálogo, pela disponibilidade ao compromisso, pela determinação de alcançar a paz, pela prontidão de se reconciliar e pela vontade de pôr em prática quanto foi concluído. Desejo de coração que cessem definitivamente as hostilidades, que o armistício seja respeitado — por favor, que o armistício seja respeitado! — que as divisões políticas e étnicas sejam superadas e que a paz seja duradoura, para o bem comum de todos os cidadãos que sonham em começar a construir a Nação.

É deveras precioso o compromisso comum dos irmãos cristãos, no âmbito das várias iniciativas ecuménicas no seio do Conselho das Igrejas do Sudão do Sul, a favor da reconciliação e da paz, dos pobres e dos marginalizados, em benefício do progresso de todo o povo sul-sudanês. Recordo com alegria e gratidão o recente encontro com a Conferência Episcopal do Sudão e do Sudão do Sul no Vaticano, por ocasião da visita *ad limina Apostolorum*. Fiquei impressionado com o otimismo deles, fundado na fé viva e manifestado no seu compromisso incansável, assim como as suas preocupações no meio das numerosas dificuldades políticas e sociais. A todos os cristãos do Sudão do Sul que, ajudando os mais necessitados, cuidam das feridas do Corpo de Jesus, desejo a abundância das graças celestiais e garanto a minha recordação permanente na oração. Possam ser obreiros de paz junto do povo sul-sudanês, com a prece e o testemunho, mediante a guia espiritual e a assistência humana de todos os seus membros, inclusive dos líderes.

Concluindo, renovo a todos vós, Autoridades civis e eclesiásticas do Sudão do Sul, a minha gratidão e o meu apreço pela participação neste Retiro; e a todo o amado povo sul-sudanês formulo fervorosos votos de paz e prosperidade. Que a abundância da graça e da bênção de Deus misericordioso alcance o coração de cada homem e de cada mulher no Sudão do Sul, dando frutos de paz duradoura e vigorosa, da mesma forma como as águas do rio Nilo, que atravessam o vosso país, fazem crescer e florescer a vida. Por fim, confirmo o meu desejo e a minha esperança de poder visitar proximamente, com a graça de Deus, a vossa amada Nação, juntamente com os meus diletos irmãos aqui presentes, o Arcebispo de Canterbury, e o ex-Moderador da Igreja presbiteriana.

Oração final

4. E agora, gostaria de concluir esta meditação com uma oração, respondendo ao convite do Apóstolo São Paulo: «Recomendo, pois, antes de tudo, que se façam preces, orações, súplicas e ações de graças por todos os homens, pelos reis e por todos os que estão constituídos em autoridade, a fim de que levemos uma vida serena e tranquila, com toda a piedade e dignidade» (1 Tm 2, 1-2).

Pai santo, Deus de bondade infinita, Vós chamais-nos para nos renovar no vosso Espírito e manifestais a vossa onipotência sobretudo na graça do perdão. Reconhecemos o vosso amor de Pai quando dobrais a dureza do homem e, num mundo dilacerado por lutas e discórdias, o tornais disponível à reconciliação. Muitas vezes os homens violaram a vossa aliança e Vós, em vez de os abandonar, estreitastes com eles um novo vínculo, por meio de Jesus, vosso Filho e nosso Redentor: um vínculo tão sólido que nada, jamais, o poderá romper.

Pedimos-vos que ajais, com a força do Espírito, no íntimo dos corações, a fim de que os inimigos se abram ao diálogo, os adversários se deem as mãos e os povos se encontrem na concórdia. Graças ao vosso dom, ó Pai, a busca sincera da paz extinga as contendas, o amor vença o ódio e a vingança seja desarmada pelo perdão para que, confiando unicamente na vossa misericórdia, voltemos a encontrar o caminho de regresso para Vós e, abrindo-nos à ação do Espírito Santo, levemos a vida nova em Cristo, no louvor incessante do vosso amor e no serviço aos irmãos. Amém! (cf. *Prefácios das Preces Eucarísticas para a Reconciliação*, i e ii).

Estimados irmãos e irmãs, a paz esteja connosco, e connosco permaneça sempre!

E a vós três, que assinastes o Acordo de paz, peço-vos como irmão: permanecei na paz! Peço-vos isto de coração. Vamos em frente! Haverá muitos problemas, mas não vos assusteis, ide em frente, resolvi os problemas. Vós destes início a um processo: que acabe bem! Haverá lutas entre vós dois, sim. Que também elas sejam travadas dentro do escritório, mas diante do povo dai-vos as mãos. Assim, de simples cidadãos tornar-vos-eis Pais da Nação! Permiti que eu vos peça isto de coração, com os meus sentimentos mais profundos!